

GEOGRAFIA E PERCEÇÃO: UMA ANÁLISE DA TRAVESSIA PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS/RJ

RESUMO

A percepção das pessoas é fundamental na construção da paisagem e da geograficidade. Utilizando como área de estudo a Travessia Petrópolis-Teresópolis, em ambiente de montanha, localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro. A intenção é investigar como a ciência geográfica pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre as várias formas de sensibilidade espacial e como o raciocínio geográfico se reflete no modo como as pessoas se relacionam com a Travessia, de maneira que possa contribuir para a valorização da Geografia e da Geomorfologia. Quando falamos de uma geografia afetiva, na qual o mundo é o palco de um encontro concreto entre seus elementos sensíveis e o ser humano, estamos pensando a paisagem como uma experiência. Compreendemos que esta, assim como o lugar, serão vivenciados de modo único para cada indivíduo e, uma vez que estar no mundo é ser atravessado por ele, só após esse atravessamento as experiências poderão ser faladas, fotografadas, ilustradas, musicadas. Logo, as paisagens e o lugar vivenciados ao longo da caminhada, irão atribuir sentidos diversos, responsáveis pela elaboração das geografias afetivas em relação à Travessia Petrópolis-Teresópolis.

Palavras-chave: Paisagem; Montanha; Experiência; Geografia; Fenomenologia.

ABSTRACT

People's perception is fundamental in the construction of landscape and geographicity. Using as a study area the Petrópolis-Teresópolis Crossing, in a mountain environment, located in the mountainous region of the state of Rio de Janeiro. The intention is to investigate how geographical science can help to understand the relationships established between the various forms of spatial sensitivity and how geographical reasoning is reflected in the way people relate to the Crossing, so that it can contribute to the appreciation of Geography and Geomorphology. When we talk about an affective geography, in which the world is the stage for a concrete encounter between its sensitive elements and the human being, we are thinking of landscape as an experience. We understand that this, as well as the place, will be experienced in a unique way for each individual and, since being in the world is being traversed by it, only after this crossing can the experiences be spoken, photographed, illustrated, set to music. Therefore, the landscapes and the place experienced along the walk will attribute different meanings, responsible for the elaboration of affective geographies in relation to the Petrópolis-Teresópolis Crossing.

Keywords: Landscape; Mountain; Experience; Geography; Phenomenology.

INTRODUÇÃO

As montanhas representam um aspecto da natureza que desafia o controle humano, por conta de sua imponente física e pelo fato de serem permanentes em seu mundo. As respostas emocionais diante delas, historicamente foram diversas. Por estimularem a razão e a sensibilidade, surgiram concepções da montanha relacionadas ao medo, ao sagrado, à sua apreensão estética, científica e descritiva. Muitas culturas estabeleceram o uso recreativo do ambiente montanhoso, além de sua busca como refúgio e para a cura de mazelas.

Na Geografia, além da abordagem física, a montanha está presente em discussões relacionadas à dinâmicas da paisagem, lugar e percepção, e por isso, podemos relacioná-la às

experiências espaciais. Por isso, a Geografia Cultural sob o pioneirismo do geógrafo Carl Sauer (1889-1975) e a Escola de Berkeley, com reflexões sobre a historicidade da ação humana nas paisagens, foram fundamentais durante a renovação das correntes de pensamento geográfico ocorrida na década de 1970.

Por valorizar as subjetividades, as experiências dos sujeitos com os lugares tornam-se importantes para a análise geográfica. Logo, conforme os pontos de vista sobre a montanha se ampliam, podemos expandir o horizonte para pensar a própria natureza. Os geógrafos humanistas recorreram então à Fenomenologia, para pensar as relações intersubjetivas que surgem das experiências no mundo. Eles buscam assim, ampliar os horizontes, à medida que a experiência dos indivíduos com o lugar também são importantes para a análise geográfica. Com o auxílio de princípios da corrente filosófica da fenomenológica, como a intencionalidade, a redução, a corporeidade e o *dasein*, por exemplo, o lugar passa a ser pensado na Geografia a partir da experiência geográfica, que irá se refletir na sensibilidade e no senso de lugar. Contribuições importantes para pensar essa apreensão da subjetividade na geografia são encontradas nos trabalhos de geógrafos como Eric Dardel (2019[1952]), Yi-Fu Tuan (2012a, 2013), Augustin Berque (1985, 2012) e Edward Relph (2019) que buscaram pensar a paisagem através da sensibilidade e das reflexões sobre o lugar. Essa abordagem humanista da Geografia no Brasil, encontramos esta contribuição nos trabalhos de Livia de Oliveira (2017, 2019), Werther Holzer (2003, 2004, 2012 e 2019) e Eduardo Marandola Jr. (2010, 2021), que nos ajudam a pensar a apreensão da subjetividade na Geografia.

Diante da imersão do ser humano no mundo, cabe falarmos também da paisagem, que é um conceito muito complexo na Geografia. Isso ocorre, diante das diferentes abordagens relacionadas à ela ao longo do tempo. Uma definição mais simplista e cartesiana, a coloca como “tudo o que o olhar alcança” (Santos, 2012). Esta definição no entanto, nos leva à alguns questionamentos como: olhar de quem? De onde? Questões como essas precisam ser respondidas para que então, a paisagem possa ser melhor definida para além de uma mera descrição do que se vê. Ainda que os olhares sobre uma mesma paisagem não sejam os mesmos, a medida que nunca partem de um mesmo ponto de vista, entendemos que as paisagens só podem ser concebidas a partir de uma real experiência do lugar. Caso contrário, teremos simplesmente o espaço geográfico. São necessários os atravessamentos causados no homem pela paisagem à medida que este se lança no mundo, como colocou Dardel (2019).

Assim, esse trabalho tem como objetivo evidenciar e problematizar sobre a importância da percepção por parte das pessoas na construção da paisagem e da geograficidade, utilizando como área de estudo a Travessia Petrópolis-Teresópolis que está inserida em um ambiente



montanhas dentro do Parque Nacional da Serras Órgãos (PARNASO), localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro. A intenção é investigar como a ciência geográfica pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre as várias formas de sensibilidade espacial e como essa percepção se reflete no modo como as pessoas se relacionam com a Travessia. Para isso, vamos buscar entender suas motivações, conhecer sua percepção sobre o modo como se relacionam com a natureza e registrar aspectos desta experiência que para elas são importantes.

A experiência de imersão na natureza, as coloca diante de atravessamentos nos quais a natureza, a montanha e a paisagem podem ser compreendidas para além de objetos contemplativos. Através dos relatos das relações que são estabelecidas por elas e o modo como pensam a paisagem e a sua própria existência através de distintas formas de sensibilidade espacial, esperamos contribuir para os debates relacionados à importância da percepção geográfica na valorização da Geografia e da Geomorfologia que se vivencia e que se ensina.

METODOLOGIA

Para a fundamentação teórica, foi realizado um levantamento teórico e conceitual acerca das questões que envolvem a paisagem e as relações que são estabelecidas entre esta e o ser humano, com o intuito de fundamentar os questionamentos e análises realizadas posteriormente. Desta forma, foi abordado o diálogo estabelecido entre a Geografia Humanista e a Fenomenologia; a paisagem a partir da experiência fenomenológica e, diferentes relações que o ser humano estabeleceu com as montanhas ao longo da história, com perspectivas de culturas orientais, eurocêntricas e descoloniais.

Em seguida, foi feito um relato de experiência por parte da autora e, também, foram realizadas entrevistas com pessoas que realizaram a Travessia Petrópolis-Teresópolis. Para isso, será utilizada a metodologia de entrevista narrativa, na qual buscamos entender o que motiva as pessoas a realizar a Travessia, de modo que foi possível por meio de seus relatos conhecer suas percepções sobre a natureza e registrar aspectos desta experiência que para elas são importantes. Entendemos que a percepção geográfica se reflete no modo como as pessoas se relacionam com a Travessia e, desta maneira, pretendemos contribuir para a valorização da Geografia e da Geomorfologia que se vivencia e se ensina.

REFLEXÕES SOBRE AS MONTANHAS E A PAISAGEM

As montanhas, principalmente por conta de sua imponência física, sempre instigaram a razão e sensibilidade humanas. Acrescenta-se à isso, o fato de serem um elemento permanente no mundo do ser humano, sempre desafiando o seu controle. Logo, ao longo do tempo e, principalmente em seu caráter simbólico, diferentes interpretações e atitudes dos seres humanos em relação à montanha, surgiram. Estas, podem ser entendidas como o reflexo do modo como foram estabelecidas culturalmente as relações entre o ser humano e a natureza, de modo que ainda que sejam decorrentes das racionalidades dos sujeitos, são compreendidas como produto de uma coletividade.

A ideia da montanha vista como algo assombroso, hostil, partilhada por gregos, romanos e chineses, está relacionada ao impacto causado pela grandiosidade de algo que não se podia apreender em sua totalidade. Com o passar do tempo, surgiram novas sensibilidades em relação à montanha. Sua grandiosidade desperta então, um interesse pela apreciação estética. É o que vemos no relato do poeta italiano Francesco Petrarca (1304 -1374), acerca da subida ao Monte Ventoux em 1336, no qual a busca pela montanha reflete o desejo por uma experiência paisagística desinteressada, um lugar que proporcione o prazer e, do alto, as melhores vistas. Sobre este relato, Besse (2019, p. 2) destaca “o caráter decisivo da experiência pessoal na determinação da verdade geográfica”, que ilustra “de maneira exemplar a transgressão constitutiva da modernidade em relação a Idade Média.”

São os naturalistas, que logo estabelecem relações de prazer e de propósito científico e começaram a escrever também, relatos de viagens, que se intensificam por volta de 1700. À medida que foi havendo um avanço que facilitava as viagens, ocorreu uma mudança de atitude em relação às montanhas. Se anteriormente eram concebidas como um lugar perigoso, o maior acesso permitiu que fosse estabelecida uma relação de familiaridade com as montanhas e, ao mesmo tempo em que foi se perdendo a feição de proibida, começou a haver um maior uso recreativo do ambiente montanhoso.

Discussões sobre o que define uma montanha, são comuns na ciência, de modo que diferentes qualidades paisagísticas estão relacionadas à olhares culturais que são lançados sobre a natureza, outros universos de significação, outros conceitos e outras práticas (BESSE, 2019, p. 62). Por isso, é importante pensarmos a própria paisagem e as experiências afetivas de quem as percebe. E, a partir dela constroem um sentido para a vida (FURLAN, 2019, p. 230).

O conceito de paisagem pode ser compreendido como um instrumento do raciocínio geográfico a partir do qual se constroem maneiras de ver e pensar o mundo. Para o geógrafo francês Eric Dardel (1952), a paisagem deveria ser experienciada, mais do que concebida apenas como um quadro a ser admirado. Para além do cientificismo defendido por Humboldt

ou da mera descrição da paisagem, a geografia deveria ser entendida como um ato, uma vontade de correr o mundo, centrada na experiência humana.

Logo, ao buscar fazer uma análise da relação fenomenológica que o ser humano mantém com a Terra a partir de sua inserção no mundo, ele observou uma relação que ligava este ser humano à Terra por meio da afetividade que era estabelecida com o lugar, em uma geograficidade. Desta forma, a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social (DARDEL, 2019, p.32).

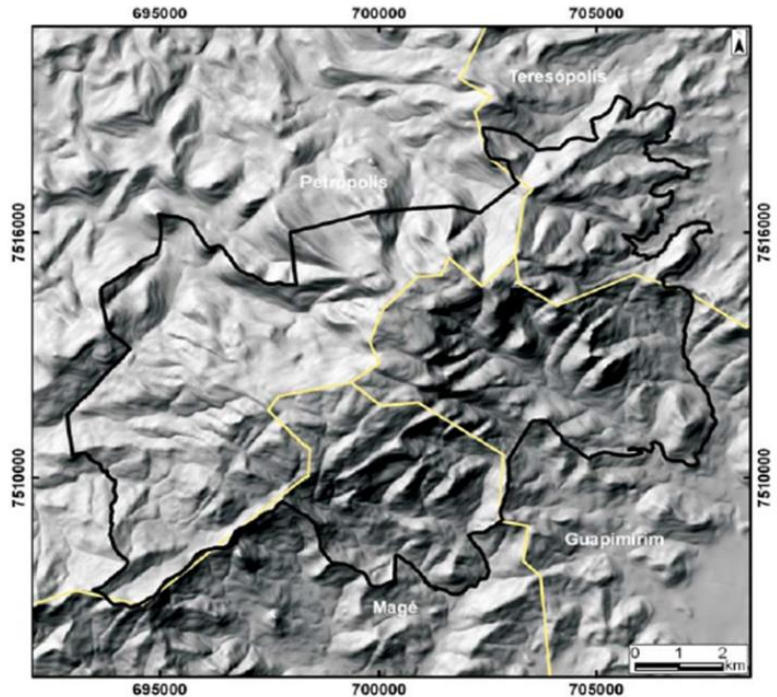
Quando pensamos a paisagem como experiência, falamos de uma geografia afetiva, na qual o mundo é o palco de um encontro concreto entre seus elementos sensíveis e o ser humano. Compreendemos que esta, assim como o lugar, serão vivenciados de modo único para cada indivíduo e, uma vez que estar no mundo é ser atravessado por ele, só após esse atravessamento as experiências poderão ser faladas, fotografadas, ilustradas. Logo, as paisagens e o lugar vivenciados ao longo da caminhada, irão atribuir sentidos diversos, responsáveis pela elaboração das geografias afetivas.

A GEOGRAFICIDADE NA TRAVESSIA PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS

A Travessia Petrópolis-Teresópolis está inserida no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro (Imagem 1). Considerada por muitos montanhistas, uma das travessias mais bonitas do Brasil, é uma caminhada longa (30km) que em alguns pontos, atinge uma altitude superior à 2.000 metros (Imagem 2). Por isso, o percurso costuma ser realizado em três dias e, passa por lajes de pedra, campos de altitude, lances técnicos. É acompanhado, principalmente no segundo dia de caminhada, pela paisagem da Serra dos Órgãos (Imagem 3).



Projeção - UTM
Datum - SAD69
Fuso - 23S



▭ Municípios ▭ Limite do PARNASO

Imagem 1: Localização do PARNASO. Martins *et al.*, 2007.

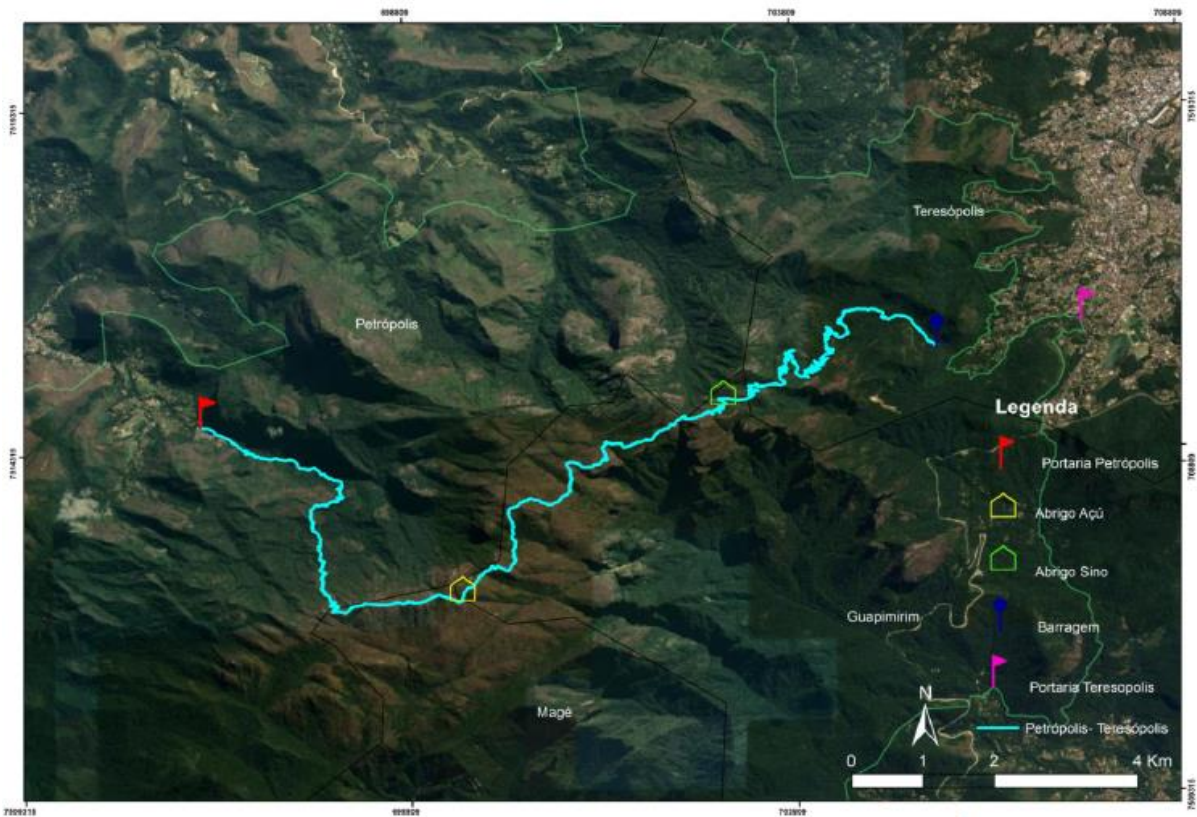


Imagem 2: Travessia Petrópolis-Teresópolis. Fonte: Pessoa, 2019.



Imagem 3: complexo da Serra dos Órgãos. (Gabriela Lopez)

Para estabelecer os atravessamentos existentes entre as montanhas, a paisagem, a natureza e a Geografia pelos quais as pessoas passam ao experienciar a travessia, precisamos saber suas motivações. O que as leva a se colocar nesta imersão na montanha, sujeitas ao frio, ao sol, ao cansaço, enfrentando o medo, carregando peso nas costas?

Pensar as relações estabelecidas entre pessoas tão diferentes e a Travessia Petrópolis-Teresópolis é pensar em uma geograficidade, ou seja, “uma relação concreta que liga o homem à Terra (...) como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2019, p. 2). É essa afetividade que irá permitir que as experiências também sejam base para a produção de conhecimento dentro da Geografia. Embora muitas vezes as pessoas não percebam que possuem um raciocínio geográfico, a experiência de imersão na natureza, as coloca diante de atravessamentos nos quais a natureza, a montanha e a paisagem podem ser compreendidas para além de objetos contemplativos.

Temos assim, a importância da percepção não apenas na construção da paisagem ou da natureza. Como podemos pensar a Geografia a partir do que sentem? Qual a capacidade dos cheiros, da visão, das sensações as remeterem os lugares da experiência? A medida que a experiência de montanha provoca uma resposta emocional nas pessoas, temos na abordagem que relaciona Geografia e Fenomenologia uma possibilidade para a reflexão das experiências nas quais o ser humano é percebido no mundo individualmente, ainda que parte de um todo maior. Logo, a fenomenologia será concebida como uma tentativa de descrição direta das experiências com o mundo tal como ele é: palco das nossas manifestações possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Travessia Petrópolis-Teresópolis está inserida no Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro. É uma caminhada longa (30km) que em alguns pontos, atinge uma altitude superior à 2.000 metros. O percurso costuma ser realizado em três dias e, passa por lajes de pedra, campos de altitude, lances técnicos. É acompanhado, principalmente no segundo dia de caminhada, pela paisagem da Serra dos Órgãos. Para estabelecer os atravessamentos existentes entre as montanhas, a paisagem, a natureza e a Geografia pelos quais as pessoas passam ao experienciar a Travessia, precisamos saber suas motivações. O que as leva a se colocar nesta imersão na montanha, sujeitas ao frio, ao sol, ao cansaço, enfrentando o medo, carregando peso nas costas?

Pensar as relações estabelecidas entre pessoas tão diferentes e a Travessia é pensar em uma geograficidade, ou seja, “uma relação concreta que liga o homem à Terra (...) como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2019, p. 2). É essa afetividade que irá permitir que as experiências também sejam base para a produção de conhecimento dentro da Geografia. Embora muitas vezes as pessoas não percebam que possuem um raciocínio geográfico, a travessia as coloca diante de atravessamentos nos quais a natureza, a montanha e a paisagem podem ser compreendidas para além de objetos contemplativos.

Temos assim, a importância da percepção não apenas na construção da paisagem ou da natureza. Como podemos pensar a Geografia a partir do que sentem? Qual a capacidade dos sentidos as remeterem os lugares da experiência? A medida que a experiência de montanha provoca uma resposta emocional nas pessoas, temos na abordagem que relaciona Geografia e Fenomenologia uma possibilidade para a reflexão das experiências nas quais o ser humano é percebido no mundo individualmente, ainda que parte de um todo maior. Logo, a fenomenologia será concebida como uma tentativa de descrição direta das experiências com o mundo tal como ele é: palco das nossas manifestações possíveis.

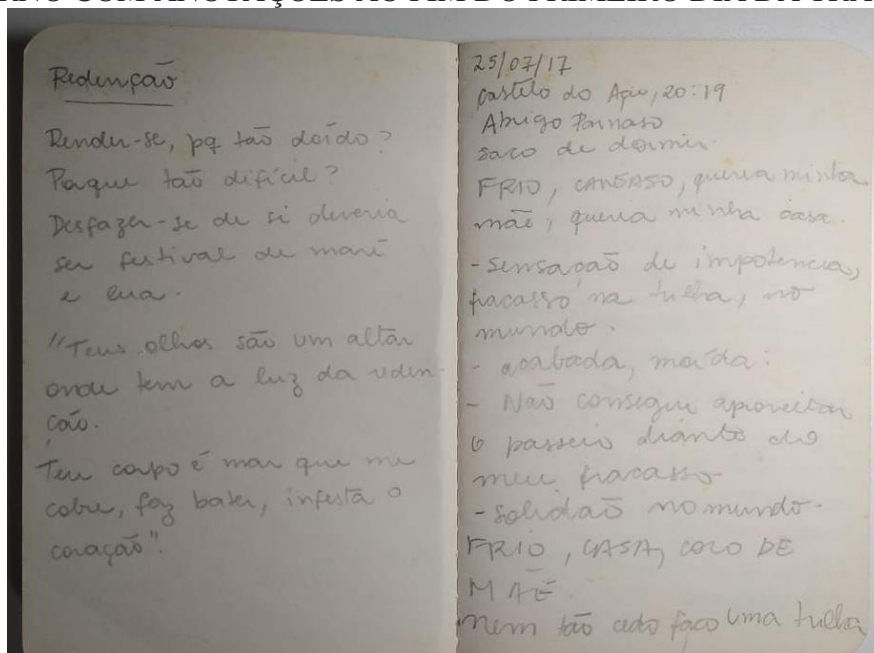
Pensar a natureza na modernidade tem sido insuficiente diante da necessidade de se vivê-la de modo integrado. A potência da travessia está no fato de fazer com que as pessoas se percebam natureza, através da experiência da paisagem e do caminhar. Logo, serão analisadas narrativas de experiência sobre diferentes vivências na travessia.

Primeira narrativa: o medo

A conversa com Letícia ocorreu em dois momentos, através de vídeo chamadas e, desde o início, ela se mostrou entusiasmada em partilhar sua experiência na travessia. Ela começa sua narrativa, falando que ao lembrar dos dias de travessia, muita coisa passa por sua cabeça, pois esta foi um divisor de águas na sua vida e, enfatiza o quanto esta foi decisiva para tudo, sua saúde física e mental. Ela diz que *“nunca foi uma pessoa, assim, que gostou muito de natureza”* e que esta não era parte de seu cotidiano. E, por isso, escolheu fazer a travessia porque estava com pessoas que a incentivaram, pessoas com as quais ela gostava de estar e *“queria ver aquilo que essas pessoas estavam me contando tão emocionadas, aquela paisagem, aquela experiência”*.

Quando chegou, relata que sentiu um misto de sensações. Demonstrando um pouco de nervosismo na voz, diz que achou muito bonita a paisagem mas, ao mesmo tempo, achou muito apavorante e sentiu medo. Este sentimento, se torna recorrente ao longo de seu relato. Ao recordar *“as partes horríveis e as partes lindas do percurso”*, fala sobre o pânico que sentiu depois de andar por algumas horas. Achou que não iria conseguir carregar a mochila e sentiu medo de decepcionar as pessoas que estavam com ela. Seu receio era de não sentir a mesma coisa que aquelas pessoas que estavam com ela, de não achar *“aquilo tudo tão legal”*.

CADERNO COM ANOTAÇÕES AO FIM DO PRIMEIRO DIA DA TRAVESSIA



Fonte: enviada por Letícia para a autora.



Decide então, estruturar sua narrativa em duas partes, as ruins e as boas. Por conta disso, seu relato não segue uma linearidade em relação ao percurso e pauta-se mais em torno de uma narrativa do medo. Reforça então seu medo de não conseguir realizar o percurso e que, embora percebesse naquele momento que não gostava de fazer trilhas, não lhe restava outra alternativa no momento. Então, refletindo sobre o pânico que sentiu e vontade de desistir, Letícia fala que *"depois eu fui entender que é claro que não foi a travessia que fez isso, né? Eram outras coisas que tavam implicadas ali e que apareceu ali naquele momento."*

Em contrapartida, mesmo com todo sentimento de medo, diz que:

"Mas ao mesmo tem eu vi uma paisagem assim, única, né? Que... que eu sabia que não ia ver aquilo de novo, né? E que ao mesmo tempo que eu tava sentindo. Por que eu não ia passar por aquilo de novo, nunca mais eu vou fazer a travessia! Tipo, passando aquilo que eu tava passando, eu pensava cara, é agora que eu vou ver. Então eu não vou também, ao mesmo tempo que eu tô achando horrível, que eu não tô conseguindo andar, que eu não tô conseguindo carregar o meu corpo, que eu não tô conseguindo carregar a minha mochila, eu também não posso deixar isso aqui passar, né? Então eu, ficava assim, várias vezes eu ficava tentando prestar atenção na paisagem". (Letícia, entrevista concedida em 05 de novembro de 2020).

Nesse ponto, Letícia explica que adotou a estratégia de focar então na paisagem e não em seus medos. Isso a fez ter questionamentos como *"de onde a gente veio, assim, né? Quão insignificante, sei lá, a gente é perto disso tudo e aquela paisagem linda [...] Não interessa que você tá sofrendo, aquele mundo tá ali e eu tô sofrendo e tô perdendo aquilo lá"*. Assim, mesmo diante de uma experiência física que estava sendo muito traumática, ela sente que conseguiu *"tirar alguma coisa boa dali"*.

Comenta então, sobre a natureza e como a travessia mudou a percepção que ela tinha de si em relação à ela. Ao mesmo tempo, coloca que ao pensar a natureza sem estar inserida nela, nada mudou, pois *"isso nunca havia sido uma questão"*:

"Eu acho que têm esses discursos do tipo ' ah, eu amo a natureza!', 'estou em contato com a natureza' ou sei lá o que. Acho que eu nunca fui uma pessoa assim. Nunca pensei assim, desse jeito. Né, do tipo, 'a natureza é muito importante pra gente', sabe? Essas coisas que as pessoas falam? Eu acredito que seja verdadeiro. Eu acho que eu nunca tive uma relação assim, nesse sentido. Para mim eram paisagens que eram só paisagens. Mas eu acho que quando eu fiz a travessia a paisagem deixou de ser só uma paisagem porque ela passou a ser uma outra coisa assim. Não porque ela era uma outra coisa, mas porque o modo como eu estava inserida nela era diferente". (Letícia, entrevista concedida em 09 de novembro de 2020).

Segundo ela, agora pode definir com mais clareza quais espaços gosta ou não de estar. Por conta disso, Letícia diz que além de não sentir que *"agora eu preciso cuidar da natureza"*,

agora eu gosto muito disso”, depois da travessia ela também não passou a ver as paisagens de um modo diferente, “não passei a apreciar mais ou menos, isso é igual. O que mudou foi a maneira de me enxergar dentro disso”. Nesse sentido, sua admiração pela natureza está no fato dela ser “um pouco incontrolável” e, também, por sua insignificância diante dela. Atravessar a trilha não a torna mais ou menos capaz, por que a natureza é uma coisa infinita.

“Eu posso atravessar aquela trilha cinquenta vezes, né? Eu posso fazer essa travessia mil vezes, que nunca vai ser a mesma travessia e nunca vai ser a mesma natureza e nunca vai ser a mesma paisagem. Justamente porque eu não sou a mesma pessoa. [...] Ao mesmo tempo que a natureza é ela mesma sempre, no sentido de que eu não controlo, eu não vejo ela de maneira diferente, ela não se apresenta pra mim de forma diferente. Eu sou outra pessoa enquanto eu passo por ela.” (Letícia, entrevista concedida em 09 de novembro de 2020).

Segunda narrativa: dentro do lugar

Desde o início de sua narrativa, Lucas demonstrou muita empolgação ao falar. Nascido em Teresópolis, ele fala que a vontade de fazer a travessia surgiu naturalmente, diante do desafio de fazer um percurso “longo, penoso, cansativo, de três dias no mato, acampando, com todas as intempéries de clima”. Comenta que sempre gostou de estar em contato com a natureza, seja acampando, em trilhas ou cachoeiras. Logo, em relação ao Parque nacional da Serra dos Órgãos ele diz que embora conheça quase todas as trilhas da sede de Teresópolis, nunca havia subido a Pedra do Sino e tinha muita vontade de fazer. O fato de ser teresopolitano e ter morado quase toda vida na cidade, exceto no período da faculdade, parece pesar ainda mais em sua vontade de fazer a travessia que *“é tida como a travessia mais bonita do Brasil, pelas pessoas que costumam fazer travessia, né? [...]e ainda não fiz essas que tão aqui na minha casa, no meu quintal, aqui do meu lado...E eu, eu queria fazer muito!”*. Então, para ele, não houve dúvidas quando a oportunidade apareceu, não tinha o que escolher.

Sobre o dia da travessia, Lucas conta que este começou ainda de madrugada, ao sair de casa para ir para Petrópolis no primeiro ônibus que saiu de Teresópolis para lá, com a intenção de chegar no início da trilha bem cedo e dar tempo de fazer o primeiro dia da trilha com tranquilidade. Diz que não conhecia aquela sede de Petrópolis e que o começo da trilha é muito bonito. Passou pela entrada da cachoeira Véu da Noiva e parou para dar uma olhada antes de seguir. Nesse momento, recorda de uma árvore logo no início da trilha. *“Eu lembro que a gente passava pelo meio de uma raiz grandona da árvore, tipo...muito bonita, a árvore gigante que tinha ali.”*. Então, conta sobre a tranquilidade que sentiu ali, pois além da beleza, o corpo



começou a aquecer em meio ao frio e, como a mata era fechada, o sol ainda não estava forte, batendo nas costas.

ÁRVORE QUE MARCOU O INÍCIO DA TRAVESSIA PARA LUCAS



Fonte: arquivo pessoal de Lucas.

A narrativa do incrível, se repete em muitos momentos da fala de Lucas, sempre sorrindo e demonstrando um carinho grande ao usar as palavras. Ele conta que grande parte de sua experiência e do que traz de bom da travessia, foi o cansaço e a superação física em relação ao caminho.

"Eu ouvi gente falando que faz a parada pela vista que vai ter no final e eu entendo que fala isso. Mas não é uma coisa que eu acho que se aplica a mim...É....[...] O caminho, a superação dele.... de sentir o corpo fraco [...] e de querer continuar mesmo assim. De querer chegar porque você quer fazer a travessia não só porque 'ah, eu quero chegar lá em cima pra ver uma paisagem bonita', não. Mas é porque 'eu quero completar isso aqui', muito mais do que só ver a paisagem...Mas pelo caminho, sabe? De passar isso. Isso pra mim é muito importante." (Lucas, entrevista concedida em 08 de novembro de 2020).

Em seguida, lembra do início do segundo dia, no qual acordou antes do amanhecer para ver o nascer do sol nos Castelos do Açú.

"Eu acho que não dá nem pra botar em palavras de quão maneiro, de quão bonito que é...tipo...Tão perfeito. [...] Não adianta ver foto, você pode ver mil fotos e falar 'caraca, é muito bonito!', quando você e faz a trilha, você acampa e você vê, é outra história, sabe? Não é nem um pouco comparável. Não só por você tá vendo a imagem mesmo, mas por tudo que já falei antes, por todo o caminho que você tem até chegar ali. [...] Não tem como descrever



a beleza do nascer do sol que a gente vê dali. Tanto dali quanto da Pedra do Sino, depois, é incrível, incrível...". (Lucas, entrevista concedida em 08 de novembro de 2020).

Em seguida, fala que eles começaram os preparativos para o segundo dia de travessia, que para ele, é a parte mais bonita. Depois de um dia de muita subida, o segundo dia é de "subidas e descidas", "indo pelas costas da Serra dos Órgãos", de modo que "fica por cima o tempo inteiro". Nesse ponto, ele diz que "a cada virada tem uma vista incrível diferente". Lucas então se empolga com o relato:

"isso é uma coisa que muda na, na...experiência. Tem gente que faz a travessia sem nunca ter visto a Serra dos Órgãos direito, sabe? Sem nunca ter, tipo assim, as vezes a pessoa nem nunca veio pra Teresópolis pra ver a Serra dos Órgão como a gente vê daqui. As vezes a pessoa vai direto pra Petrópolis e vai ver só depois, quando termina a travessia. E aí deve ser uma outra parada, uma outra experiência". (Lucas, entrevista concedida em 08 de novembro de 2020).

Segue dizendo que a Serra dos Órgãos para ele, "é quintal de casa", uma paisagem muito presente no seu cotidiano de modo que "tá acostumado a ver", pois está sempre ali. Então,

"quando você tá fazendo a travessia e, passando praticamente por cima dos lugares, mas não só isso, você vê... A cada momento você vê um lugar que te é muito familiar, mas de um ponto de vista, de uma perspectiva totalmente diferente, que você nem sabia que existia... É, é maravilhoso, sabe?". (Lucas, entrevista concedida em 08 de novembro de 2020).

Lucas fala da intimidade, da familiaridade que tem com a Serra dos Órgãos, por ter vivido a vida inteira ali. Para ele, é uma relação diferente, por exemplo, da sua namorada, que é de outra cidade. Então,

"quando você vê um lugar que você vê sempre, o tempo inteiro, todo dia, mas a cada momento, a cada curva que você faz, a cada pedra que você sobe ou que você desce, você vê aquilo ali [...] de uma perspectiva diferente, de uma... de um lado diferente. Pô, é sensacional, cara! É sensacional, é enriquecedor![...] É quase como ver uma pedra nova na mesma pedra o tempo inteiro, sabe?[...]É o dia mais bonito e também o dia que eu mais agreguei coisas, por causa das incontáveis formas de ver o mesmo objeto de diferentes lugares". (Lucas, entrevista concedida em 08 de novembro de 2020).

Lucas fala que sua forma de perceber e se relacionar com a natureza e a paisagem após a travessia mudou, por perceber que não conhecia tanto o seu lugar, ao mudar sua forma de olhar. Por conta de toda a conexão que tem com a cidade, sua beleza natural e o com o

PARNASO, ele concebia tudo isso como uma parte constituinte de sua paisagem e que, não havia nada a mais para descobrir. Isso mudou diante da perspectiva da imersão na travessia. "*eu agora tenho uma experiência, de dentro do lugar, que eu tô vendo de fora, sabe?*".

Para ele, agora, ao chegar no Soberbo, ele enxerga a paisagem da Serra dos órgãos de outra maneira, pois não está mais apenas de fora, já que muito do que ele vê ali, no momento, passou a ser visto de outros ângulos. "*não é uma experiência que bate e volta, ela fica com você. [...] Eu acho que eu não consigo mais saber como era o PARNASO antes da travessia. [...]*". Ele diz que sentia um vazio em relação ao seu lugar, que foi preenchido após fazer a travessia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos a capacidade da Geografia na compreensão das relações que foram estabelecidas entre as pessoas e a Travessia no momento em que se lançaram ali e, também depois, quando estas fizeram o exercício reflexivo de colocar toda a sensibilidade espacial pelas quais foram atravessadas, em palavras, durante suas narrativas. Para isso, foi fundamental o caminho epistemológico estabelecido pela Geografia no que diz respeito ao conceito de paisagem, assim como a construção do conceito de natureza e as diversas relações que o ser humano estabeleceu com a montanha ao longo do tempo.

Entretanto, pensar este caminho epistemológico dentro de um rigor científico, nos leva a trajetória da própria Geografia, que em suas diferentes fases. São variados os caminhos percorridos que vão desde seu período de maior rigidez, estabelecido por uma abordagem positivista, até a sua fragmentação na qual passou a abarcar diferentes especializações. Isso, por muito tempo e, ainda hoje, acabou fazendo com que muitos geógrafos acabassem quebrando a Geografia em várias partes. Os horizontes se limitaram, foram tapados e o ser geógrafo perdeu-se nestes fragmentos. O fato é que as críticas diante dessa chamada dicotomia da Geografia existem, mas poucos são os que se arriscam em um campo no qual, mais do que uma análise racional, são necessárias também as subjetividades. Reclama-se da dicotomia, mas conforma-se. Como podemos tirar estas vendas e tentar caminhar ainda que em passos curtos e lentos? Não temos pressa, mas queremos sentir a geografia, mais do que apenas fazê-la.

Entendemos que só o vivido é capaz de mensurar as diferentes camadas atribuídas às experiências tão pessoais e, ao mesmo tempo, tão mundanas. Esse viver, esse ser com o mundo, é também um compartilhar a paisagem. E então, esta será preenchida por infinitas

possibilidades, diferentes intencionalidades. É o sentir a paisagem, sentir-se na paisagem, que extrapola as explicações científicas e nos leva a pensá-la como uma experiência espacial. A paisagem como o que fica da experiência de um lugar. Conforme visto na Geosofia de Wright (2014), nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Precisamos considerar também o envolvimento do ser humano em suas experiências subjetivas sobre o mundo, valorizando assim a importância da imaginação durante a interpretação destas. É a explicação do que está para além do científico, através de uma geografia essencial, emocional, afetiva!

REFERÊNCIAS

BESSE, J. M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. Vladimir Bartalini. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FURLAN, S. A. **Paisagem**. In: CARLOS, A. F. A. e CRUZ, R. de C.A. da (orgs.) *A Necessidade de Geografia* – São Paulo: Contexto, 2019.

MARTINS, E. S. (et al). **Relação solo-relevo em vertentes assimétricas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, RJ**. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, v.8, n.1, p.45-62, 2007.

PESSOA, F. A. **Geodiversidade e interpretação ambiental em trilhas – Travessia Petrópolis-Teresópolis**, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ). 303 p. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de pós-graduação em Geografia - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo**. Razão e Emoção. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

WRIGHT, J. K. **Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia**. *Geograficidade*, v.4, n.2, Inverno 2014.